



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

Prevenção a dois: a PrEP em intersecção com as sorodiscordâncias

Autoria: Wertton Luís de Pontes Matias (UNB - Universidade de Brasília), Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB) Luziana Marques da Foneca Silva (UFPB)

Cada vez mais as técnicas preventivas ao HIV, em especial as ditas novas biotecnologias de prevenção, vem ocupando um lugar central no enfrentamento à epidemia no Brasil. A Profilaxia Pré-exposição ao HIV (PrEP) é uma dessas medidas, que por sua vez ocupa um lugar especial no combate ao vírus, tendo em vista dados epidemiológicos que comprovam sua eficiência. A PrEP no Brasil consiste no uso de um fármaco (Truvada®), que deve ser tomado diariamente, no intuito de construir uma barreira nos corpos HIV- ao vírus, que garanta a não-transmissibilidade. Segundo protocolo do Ministério da Saúde, apenas sujeitos vulneráveis a infecção podem fazer uso do Truvada®. São estes; homens que fazem sexo com homens, pessoas trans, casais sorodiscordantes e profissionais do sexo. Falar sobre PrEP tendo em vista esses sujeitos, a partir de uma perspectiva antropológica, nos estimula, então, a compreender suas implicações e impactos na vida social, para além do debate biomédico, e sua relação com a sexualidade, vulnerabilidade, corpo e saúde. Seja nos corredores do hospital, nas diretrizes terapêuticas do Ministério da Saúde, nas conversas sobre HIV/Aids entre colegas, nos aplicativos de relacionamento, ou nos eventos científicos, a discussão sobre PrEP implica falar sobre novos métodos de agenciar a sexualidade no cotidiano, sobre relações conjugais, resignificação das práticas sexuais, dentre outros temas. A partir de um work etnográfico, e da nossa inserção dentro do Hospital de Doenças Infecto-contagiosas Dr. Clementino Fraga, no município de João Pessoa, na Paraíba, onde passamos quatro meses realizando work de campo, buscamos apresentar neste work o complexo contexto no qual a PrEP está imersa, e como ela vem sendo incorporada no serviço e, sobretudo, no cotidiano dos usuários. Num denso work de levantamento bibliográfico, entrevistas e incursões etnográficas no campo do



HIV/Aids em João Pessoa, identificamos que há uma característica no serviço paraibano, que é o de trazer para PrEP indivíduos que já frequentam o serviço, sobretudo por causa dos seus parceiros, ou por estarem em relações de vulnerabilidade. Dialogando, portanto, com algumas interpretações que relacionam as estratégias biomédicas com uma individualização da resposta, o que observamos no caso específico em análise é que a PrEP coloca-se fortemente a serviço de uma lógica conjugal, tanto por parte do serviço como dos usuários que a procuram. Portanto, usamos como fio-condutor as relações sorodiscordantes para problematizar a PrEP, as questões morais que a cruzam, preocupados, em especial, com a relação fármaco/indivíduo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: